

Má educação: a influência do abuso sexual na identidade de meninos

Cassandra Pereira França¹
Cristiana de Amorim Mazzini²

A clínica do abuso sexual infanto-juvenil indica uma preocupação comum entre os pais de meninos que foram abusados: eles acreditam que esse fato pode influenciar, e até mesmo determinar, o encaminhamento homossexual do filho. Entendendo que a violência contra esses meninos ocorreu na infância, fase de constituição da identidade de gênero, é preciso valorizar essa apreensão e verificar a extensão de seus fundamentos. Considerando então que um evento traumático dessa ordem pode levar a um comprometimento na construção da identidade sexual que vinha seguindo uma certa ordenação, o presente trabalho tem como foco central um estudo dos movimentos transferenciais presentes ao longo de um caso clínico de uma criança de 7 anos de idade e que vinha sendo abusada sexualmente pelo pai. A fim de teorizar sobre a extensão da interferência no processo de identificação sexual quando o abusador é uma figura de autoridade, iremos justapor reflexões sobre o filme de Almodovar, “Má educação”, em que o abusador também está num lugar de poder. A esse conjunto de elementos que vinculam os jogos transferencias presentes nas três situações pai/padre/analista, é contraposto um outro conjunto, o das conclusões a que chegaram os estudiosos da constituição da identidade de gênero, e que falam a favor da precocidade desses processos, determinados, fundamentalmente, pela influência do desejo da mãe em relação à identidade sexual do filho.

Ao longo do primeiro século de produções psicanalíticas, o tema da aquisição da masculinidade recebeu pouca atenção, primeiro porque o assunto estava dado por assentado e, segundo, porque as pesquisas psicanalíticas procuravam desenvolver as trilhas marcadas por Freud na direção de um assunto por demais enigmático, a feminilidade. No entanto, a crise da masculinidade é evidente e pode ser vista por diferentes ângulos. Atendendo aos interesses desse artigo faremos um recorte específico desse assunto tão vasto, a expressão da fragilidade da identidade sexual masculina que

¹ Dra. em Psicologia Clínica pela PUC/SP; Prof. Adjunta do Depto. de Psicologia da UFMG.

² Psicóloga. Pesquisadora do Projeto CAVAS do Depto. de Psicologia da UFMG.

revela-se através de aprisionamentos na pré-geritlidade, cuja expressão na realidade tem sido noticiada pela mídia na última década: o número alarmante de crianças que são, rotineiramente, abusadas sexualmente por seus pais e padrastos, ou ainda, a prática comum de alguns homens que passam horas do seu dia na internet em sites de pornografia infantil.

Bleichmar aponta em seus textos, que há um problema cultural que pode ser um dos fatores que sustentam as dificuldades de apropriação da masculinidade: em nossa cultura todas as crianças são “maternadas” pelas mulheres, e o processo educacional também fica a cargo delas, pois as professoras do maternal e do ensino fundamental são majoritariamente mulheres. Portanto, o menino fica envolto em modelos femininos de referência identitária. Somando-se a esse quadro, temos uma marcada ausência da figura masculina num número significativo de lares brasileiros. Essa preocupação com o excesso de feminilização dos meninos encontra-se evidente em outras culturas, que promovem como respostas diretas à questão ritos de iniciação à masculinidade.

Algumas sociedades tribais da Papua Nova-Guiné, consideram que os cuidados maternos primários e a amamentação fazem com que a feminilidade seja incorporada naturalmente por meninos e meninas, e para isso seus rituais de iniciação à vida adulta revelam que a masculinidade é um atributo que precisa ser introjetado numa segunda etapa, através de rituais denominados por Tubert (1999) de “menstruação masculina”. Vejamos como a autora nos relata tais rituais: no Vale do Asaro, os meninos são levados nus para o leito de um rio, aonde receberão um banho de sangue masculino, provocado pela introdução de duas folhas afiadas nas narinas dos homens adultos. A água tingida de sangue receberá a seguir o sangue proveniente das narinas dos meninos. O ritual continua com a introdução de uma vara no esôfago, tanto dos adultos quanto dos meninos, para provocar vômitos que, segundo eles, os livrarão das impurezas que foram engolidas enquanto estavam no útero de suas mães. Após essa prática, os meninos terão um contato mínimo com as mulheres, e até serem reconhecidos como homens nessa sociedade, os iniciados passarão alguns anos aprendendo a tocar flauta e a conhecer assuntos que são específicos dos homens. Na ilha de Wogeo encontra-se uma variação do rito da menstruação masculina, dessa vez a sangria é feita nas línguas.

Mas o ritual que nos parece ser o mais interessante para o que estamos discutindo, é aquele em que os meninos pré-adolescentes ficam enclausurados por muitos meses, e são obrigados a praticar periodicamente a felação e a ingestão do

esperma dos homens adultos como forma de adquirirem a masculinidade. Vemos, portanto, que esse ritual é sustentado, obviamente, pela equivalência simbólica entre leite e esperma, tendo esse último a potência de neutralização dos efeitos feminilizantes do leite materno.

Todas essas práticas de passagem para a vida adulta apontam para a tentativa de eliminação do que em psicanálise foi chamado por Greenson & Stoller como identificação feminina primária, ou seja, identificação primária com o objeto maternante. Greenson, em 1998, nos diz que “o menino tem de percorrer um caminho mais difícil e incerto. Para desenvolver uma identidade de gênero masculina, deve se des-identificar da mãe e se identificar com um homem” (Greenson, 198: 266). Mas como ocorrerá essa troca de objeto de identificação? Para tanto, será preciso que o pai se coloque com alguma força de atração?

Bleichmar (2006) lembra-nos que o pai, nos primeiros tempos de vida da criança, não aparece com o estatuto que a psicanálise clássica lhe atribui, ou seja, a função de corte que lhe é própria. Assim, só é possível atribuir ao pai nesses primeiros tempos, dois papéis: o papel de separação do vínculo fusional que liga a mãe e o bebê, e as funções de cuidado precoce. E é justamente neste momento que laços amorosos entre pai e filho começam a se estabelecer, fazendo com que a posterior identificação com este homem seja possível. Ou seja, a incorporação se dá graças aos vínculos amorosos que ligam o pai ao filho, e que permitem ao filho receber, simbolicamente, o pênis do pai. Entretanto, como sabemos, essa identificação com o pai pode apresentar diversos percalços. Examinaremos, a seguir, situações em que este desenvolvimento da masculinidade deparou-se com obstáculos advindos do exercício de traços perversos daqueles homens que se encarregaram da educação dos meninos.

Quando a educação foge do esperado....

O filme *Má Educação*, de Pedro Almodovar, nos apresenta um padre, que tem uma função de autoridade junto às crianças, por ser o diretor do colégio interno. Inácio, personagem principal do filme, é objeto de desejo desse padre, que acaba tentando ter relações sexuais com ele. No entanto, Inácio esquivava-se desses envolvimento, e somente através de um gesto de amor a um colega, oferece seu corpo, em troca de um favor do padre: de que não o separasse do colega. Inácio então se

entrega ao padre, mas mesmo assim é enganado, pois o padre não cumpriu o prometido, e assim o decepcionou duplamente. Os anos se passaram e Inácio tornou-se um travesti, que volta ao colégio com a estória escrita sobre o abuso, para chantagear o padre com essa verdade dos fatos, e dele tirar dinheiro para aprimorar a transformação de seu corpo, em corpo de mulher. A trama se desenvolve em outras direções que fogem ao escopo desse trabalho comentar, e o padre, para calar Inácio e abafar o escândalo, acaba matando aquele menino a quem tanto amara.

Dentre os caminhos que uma análise poderia levar para explicar porque Inácio se transformou num travesti, a experiência negativa e decepcionante com o padre, que pela via da equivalência simbólica representava metaforicamente a figura do pai, parece ter tido um papel preponderante. Apesar do padre ter uma relação de ternura com Inácio, a imposição do abuso sexual parece não ter permitido que esse amor fosse vivenciado como amor paterno – condição necessária ao processo de virilização dos meninos. Mas ainda, o padre usou dessa relação afetuosa para satisfazer seus próprios desejos, não exercendo a função paterna por excelência, qual seja, a de barrar o desejo transbordante. Assim, ao que tudo indica, Inácio se agarrou, desesperadamente, ao amor que conheceu nos primórdios da vida, e passou a se travestir para sentir-se envolto nesse amor, envolto na pele feminina da mãe, na identificação feminina primária.

Casos como esse levam, geralmente, pais de crianças abusadas sexualmente a temerem um encaminhamento homossexual. A premissa que rege esse temor seria a de que a criança forçada a fazer sexo com outro homem, ao vivenciar um apassivamento diante na cena sexual tenderia a repetir o papel de “mulherzinha” ao longo da vida. Idéia que apesar de encoberta de preconceitos, pode trazer alguma verdade: a criação de uma identificação histórica com a mulher, poderia mesmo vir a ser uma das etapas de elaboração dessa vivência traumática, e a compulsão à repetição se encarregaria de fazer com que o sujeito buscasse continuamente situações que o colocassem na mesma posição psíquica da vivência do abuso sexual.

Vejamos agora um material clínico que vai ilustrar uma outra variável, importantíssima, e que precisa ser levada em conta quando pensamos no impacto do abuso sexual sobre a construção da identidade de gênero. A mãe de Igor tinha um filho de dois anos e vivia em constante conflito com o marido, que era muito agressivo com ela e com este filho. Ela passou então a desejar ter um outro filho, que pudesse dividir a carga de violência dirigida ao filho único. No entanto, talvez até para interditar esse

desejo, a mãe não deixou que o pai encostasse no filho recém-nascido: “Ele nunca encostou a mão nele!” Durante os dois primeiros anos de sua vida ele não desgrudou da mãe para nada. Não sabemos precisar se o pai não se interessou pelo bebê ou se a mãe não permitiu que ele o fizesse, uma vez que percebia que o filho mais velho estava ficando tão agressivo quanto o pai. Mas a violência com ela continuava e a separação ocorreu após um longo período de agressões. O horror da mãe a esse homem aumentou ainda mais quando Igor comentou que o pai brincava com o seu pinto. A mãe tomou imediatamente essa fala do menino de seis anos como uma prova de que o pai havia abusado sexualmente dele. Por causa desse fato, a mãe passou a denegrir a imagem do pai para os filhos. Na sequência, veio a impossibilidade judicial do contato com o pai por um longo período, e a dúvida do menino quanto ao amor do pai..

Somado ao olhar de pavor dirigido pela mãe ao ex-marido, que impedia a identificação do menino com a figura do pai, essa mãe também apresentava movimentos sutis de ataque à masculinidade do novo companheiro, com quem o menino tentava se identificar. Se por um lado, a mãe obstaculizava a identificação masculina, por outro falava abertamente com a analista que temia a possibilidade do filho se tornar homossexual por causa do abuso sexual do pai. Emitia, assim, mensagens contraditórias, que confundiam e paralisavam o menino, interditando tanto as vias da identificação heterossexual quanto da homossexual. Esse obstáculo na comunicação direta com um terceiro, se presentificava na sessão analítica, através de um movimento de Igor de se esconder da analista atrás da caixa lúdica. Algo havia para ser descoberto, retirado do caminho. E qualquer olhar da analista em sua direção, era sempre sentido com incômodo, resultando em perguntas angustiadas: “O quê? O que?”, numa tentativa aflita de saber o que a analista (as pessoas) esperava (m) dele. Feita a interpretação dessa aflição, o menino arrancou as cortinas das pequenas janelas que haviam sido feitas por ele em sua caixa, janelas que antes davam em parede fechada, e que agora foram vazadas. Ou seja, dessa vez elas de fato se abriam e permitiam ver o que havia do outro lado. Estava, portanto, estabelecido um canal de visibilidade maior para seu mundo interno, o que possibilitaria o aprofundamento do trabalho analítico.

Voltemos ao assunto a que nos referimos brevemente logo acima, ou seja, o de que há uma variável importante a que o analista deve estar atento, e que o filme *Má Educação* não nos oferece, mas que se apresenta nesse fragmento clínico: a mãe deve estar disposta a permitir que o menino se identifique com o pai. Vejamos como ficaria a

situação identitária de Igor se aplicássemos a esse caso o esquema referencial proposto por Silvia Bleichmar para a construção da identidade de gênero, processo que é subdividido pela autora em três tempos. No primeiro tempo uma identificação é oferecida pelo outro, trata-se dos tempos dos cuidados precoces compartilhados, em que o pai se inscreve como metonímia da mãe, e em que o desejo da mãe pelo pai enquanto homem, é o que irá propor um modelo identificatório para o menino. Nesse caso que ora discutimos não há evidência dessa inscrição se levarmos em conta o discurso da mãe: “Ele nunca encostou a mão nele!” ou ainda alguns comentários dela que evidenciavam que ela desejava, mas desqualificava esse pai (dizia que talvez fosse homossexual porque chegou, inclusive, a fazer sexo com animais). Um segundo tempo no qual a descoberta da diferença anatômica entre os sexos, não é suficiente para constituir a masculinidade genital e a potência fâlica em geral. Para tanto, é necessário que o pênis se invista de potência genital, a qual se recebe através da incorporação do pênis paterno, processo que para Bleichmar se dá através da incorporação do amor paterno. Igor jamais falou uma palavra sobre esse pai, sinal de que há uma repressão dos afetos em relação à imago paterna. No entanto, em uma das sessões da análise, ele desenhou duas nádegas no quadro, acrescentando nelas uma boca metade feliz e metade triste, e dois olhos enormes. Deu nomes a esse desenho, deitou-se no sofá, e ficou fazendo insinuações corporais de que estaria oferecendo o seu corpo para a analista. Encenação que ficou mais compreensível ao lembrarmos que ele já havia questionado a mãe: “Será que eu vou ter de transar com você, para você me dar atenção?” Fala que nos mostra como há uma confusão entre penetração psíquica e penetração corporal – confusão que pode ter sido estabelecida caso ele tenha feito essa equiparação, num gesto de busca desesperada do amor do pai. Temática que, sem dúvida alguma, terá de ser aprofundada em sua análise, para que esses processos sejam diferenciados.

Segundo Bleichmar, nesse segundo tempo de construção da identidade de gênero, temos de buscar ainda indícios do valor atribuído pela mãe ao pênis do qual é portador o “infantil sujeito” – articulação complexa, proveniente na mulher da valorização do pênis do homem e de sua relação com o do filho. No caso de Igor, talvez haja um encantamento da mãe com o filho, mas que não evidencia uma valorização de seus atributos masculinos e viris. A posição ambivalente da mãe diante da virilidade dos homens será sempre uma sombra na referência identitária desses meninos. Mas temos de reconhecer que estar em análise numa relação afetiva respeitosa, assim como a

constituição de um novo par parental, formado por essa mãe e um homem gentil, sensato e amoroso com os meninos, pode fazer frente ao impacto dessa ambiguidade da mãe e das lembranças traumáticas com o pai. Configuração que nos leva a apostar que Igor terá, futuramente, condições de entrar no terceiro tempo da construção da identidade de gênero, etapa na qual se definem as chamadas identificações secundárias que fazem as instâncias ideais. Enfim, a nossa aposta é a de que todas as vivências com a analista e o padrasto possam fortalecer em Igor a sua capacidade de conseguir ser amado e respeitado, ajudando-o assim a sustentar a premissa de que quem ama, não abusa.

Referências Bibliográficas:

- BLEICHMAR, Silvia (1993) Paradoxos da constituição sexual masculina. In: *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. Porto Alegre: Artes médicas.
- FRANÇA, Cassandra P. (2007) A incorporação da masculinidade. In: *Boletim: Formação em Psicanálise*. Instituto Sedes Sapientae.
- GREENSON, Ralph (1998) Des-identificação em relação à mãe: sua especial importância para o menino. In: BREEN, D. (org) *O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- RIBEIRO, Paulo César C. (2000) Identificação feminina, narcisismo, homossexualismo masculino e paranóia. In: *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- STOLLER, R. (1965) The mother's contribution to boyhood transexualism. In: STOLLER, R. J. *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. Londres: Karnak Books.
- TUBERT, Silvia (1999) *A morte e o imaginário na adolescência*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.